

**A MULHER NO ESPAÇO ACADÊMICO-CIENTÍFICO:
DIÁLOGOS ENTRE FEMINISMO, GÊNERO E MULHERES NA CIÊNCIA**

**WOMAN IN THE SCIENTIFIC-ACADEMIC ENVIRONMENT:
DIALOGUES BETWEEN FEMINISM, GENDER AND WOMEN IN SCIENCE**

**LA MUJER EN EL ESPACIO ACADÉMICO-CIENTÍFICO:
DIÁLOGOS ENTRE EL FEMINISMO, EL GÊNERO Y LAS MUJERES EN LA
CIENCIA**

Raquel Almeida Mendes¹
Orcid: 0000-0001-5216-2288
Kenia Gonçalves Costa²
Orcid: 0000-0001-5042-3472

65

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo estabelecer diálogos sobre temáticas tais como a historiografia do movimento feminista, a inserção da mulher no contexto acadêmico, bem como os desafios do ser-mulher/ser-cientista, visando uma aproximação entre os temas. As circunstâncias referentes à mulher no meio científico são atravessadas por relações de poder pautadas no gênero, conceito este que se torna de extrema importância na superação do determinismo biológico visto como premissa para o condicionamento da mulher ao mundo privado e ao lugar de submissão e aceitação dessa condição 'natural'. O gênero nos leva ao entendimento que a construção do ser-mulher é fundamentalmente social, dessa forma, ao discutirmos sobre a presença tardia das mulheres no espaço acadêmico, na função de cientistas e produtoras de conhecimento, estamos dialogando sobre uma sociedade patriarcal que sempre delimitou as trajetórias femininas em detrimento da masculina. As desigualdades de gênero na ciência, ainda que hostis às mulheres cientistas, não foram capazes de impedir que expoentes femininas marcadas por questões não somente de gênero, mas também de raça, classe, etnia, persistissem e ocupassem esse espaço historicamente negado.

Palavras – chave: Mulheres; Ciência; Feminismo.

Abstract

The present work has as main objective the dialogue on themes such as the historiography of the feminist movement, the insertion of women in the academic context, the challenges of being a woman scientist, aiming at an approximation between the themes. Circumstances concerning women in the scientific environment are crossed by gender-based power relations, concept that becomes extremely important to overcome biological determinism, seen as a premise for the conditioning of women to the private world and the place of submission and acceptance of this "natural" condition. Gender leads us to understand that the construction of being a woman is fundamentally social, thus, when discussing the late presence of women in the academic space, as scientists and producers of knowledge, we are talking about a patriarchal society that always delimited the female trajectories to the detriment of the male. Gender inequalities in science,

¹ Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: almeidamendesraquel@gmail.com

² Docente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT-UFT). E-mail: keniacost@uft.edu.br

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

while hostile to female scientists, have not been able to prevent female exponents marked not only by gender but also by race, class, ethnicity, from persisting and occupying this historically denied space.

Keywords: Women; Science; Feminism.

Resumen

El presente trabajo tiene como objetivo establecer diálogos sobre temas como la historiografía del movimiento feminista, la inserción de la mujer en el contexto académico, así como los desafíos de ser mujer y científica, con el fin de acercar los temas. Las circunstancias relacionadas con las mujeres en el contexto científico están atravesadas por relaciones de poder basadas en el género, concepto que se vuelve extremadamente importante para superar el determinismo biológico visto como una premisa para el condicionamiento de las mujeres al mundo privado y el lugar de sumisión y aceptación de esta condición 'natural'. El género nos lleva a comprender que la construcción de ser mujer es fundamentalmente social, así, cuando se discute la presencia tardía de mujeres en el espacio académico, como científicas y productoras de conocimiento, estamos hablando de una sociedad patriarcal que siempre ha delimitado las trayectorias femeninas a expensas las masculinas. Las desigualdades de género en la ciencia, aunque hostiles a las mujeres científicas, no han sido capaces de evitar que las exponentes femeninas marcadas no solo por género sino también por raza, clase, etnia, persistan y ocupen este espacio históricamente negado.

Palabras clave: Mujeres; Ciencia; Feminismo.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende estabelecer diálogos entre feminismo, relações de gênero e a figura feminina no contexto da ciência. Compreendendo-se que as identidades de gênero construídas historicamente impõem e delimitam de maneiras distintas o lugar feminino e o lugar masculino socialmente, culturalmente, economicamente e demais âmbitos.

O movimento de mulheres/movimento feminista vem lutando contra o lugar de subserviência e submissão atribuído às mulheres, repensando as opressões que rodeiam a vida destas. Cabe ressaltar que as inúmeras conquistas feministas se deram a partir de intensos conflitos políticos e ideológicos e porque não destacar a repressão física de corpos femininos que insurgiram e não mais admitiram/admitem o lugar social designado.

O conceito de Gênero ao ser cunhado no contexto feminista trará uma discussão complexificada e vasta quanto às especificidades do ser-mulher e as relações sociais estabelecidas em torno dessa premissa. O conceito supracitado virá romper com o ideário do determinismo biológico como fator de “diferença sexual”, negando essa perspectiva e apontado o viés estritamente social que determinam as assimetrias baseadas no sexo.

Sendo assim, sob a ótica de inúmeras estudiosas de gênero, dentre elas a teórica Joan Scott, parafraseamos que o gênero é um elemento constituinte das relações sociais, evidenciando as subjetividades do feminino/masculino e as relações de poder geradas a partir dessa diferença.

Considerando o âmbito da ciência, da academia e da pesquisa científica, temos um lugar de fronteira e resistência ao ser-mulher. As relações de gênero e suas peculiaridades nos apresentam um espaço acadêmico que no imaginário social é estritamente androcêntrico e hostil a mulheres. A presença cada vez

mais significativa das mulheres como produtoras de conhecimento científico é sem dúvidas uma grande expoência e conquista para a figura feminina que anteriormente era submetida unicamente a esfera privada, todavia estas ainda têm suas atuações e pesquisas invisibilizadas.

O diálogo em questão é de caráter bibliográfico, construído a partir de indagações das autoras quanto à atuação memorável das mulheres na academia e as inúmeras fronteiras que as mulheres pesquisadoras enfrentam em seus trajetos formativos e profissionais. Além disso, concebemos que os perfis destas cientistas devem ser destacados e as intersecções do ser-mulher reconhecidas. Afinal os atravessamentos de classe, raça, gênero, etnia, dentre outros, possibilitam experiências sociais distintas.

O presente trabalho está organizado em duas seções principais. Na primeira parte discutiremos uma breve trajetória historiográfica dos estudos relacionados a mulheres, movimento feminista e gênero, enquanto que no segundo momento será abordado de forma mais específica a questão da mulher na esfera da ciência e da academia e a busca pela ruptura do viés estritamente masculino que permeia esse espaço. Por fim traremos nossas considerações como pesquisadoras, docentes e mulheres que cotidianamente lidam com esse meio.

PERCURSOS E TRAJETOS DOS ESTUDOS SOBRE MULHERES, FEMINISMO E GÊNERO

Ponderar sobre um processo historiográfico dos estudos sobre gênero é, sobretudo remeter ao próprio movimento feminista, cujo movimento e processo emergiram ferramentas conceituais de extrema relevância para a compreensão das desigualdades de gênero para além do viés biológico, tomando como base principal o ponto de vista social. Isto também se trata de uma forma de evidenciar a vida das mulheres bem como suas lutas e reivindicações no panorama histórico não apenas do movimento feminista, mas da História que de forma holística pouco apresenta a expoência feminina em seu contexto historiográfico (SCOTT, 1989).

A integração das mulheres nas produções historiográficas teve emergência na década de 1970 quando o conceito de Gênero passou a ser amplamente pesquisado e difundido a partir de estudiosas feministas. No Brasil esta temática surge a partir da década de 1980, denotando um momento de grande contribuição a luta da mulher brasileira pela inserção de suas contribuições na historiografia brasileira para além de uma vida doméstica, ociosa e confinada ao mundo privado.

Na década de 1990 a historiografia brasileira se depara com uma ampliação destes estudos onde temáticas tais como violência de gênero (num viés histórico) e passam a se fazer presente nos mais diversos meios tais como literatura, novelas, música e mídias em geral:

A categoria gênero encontrou um terreno favorável na historiografia brasileira contemporânea, desnaturalizando as identidades sexuais e postulando a dimensão relacional. Talvez a história tenha sido uma das áreas, no campo interdisciplinar dos estudos de gênero, que mais intensamente tenha feito essa incorporação (MATOS, 1998, p.68).

Partindo desse pressuposto, temos o surgimento de estudiosas que a partir das inquietações promovidas pelo movimento feminista procuram cada vez mais as raízes históricas das desigualdades entre homens e mulheres nas mais diversas instâncias da sociedade:

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

Essas feministas rejeitam a procura por origens ou as explicações unicasais para a desigualdade entre os sexos. Elas a veem como um fenômeno universal em certo sentido, já que parece ter estado presente em todas as sociedades e períodos históricos conhecidos, mas enfatizam que essa desigualdade tem tido formas diferentes e tem sido afetada por vários fatores causais em momentos e contextos sociais diversos (NICHOLSON, 1986, p. 83).

68

O feminismo referido como um movimento social organizado e articulado na luta por ideais equitativos entre homens e mulheres é associado ao século XIX no mundo ocidental; A partir disso iniciaram-se estudos sobre os discursos opressores que sempre nortearam o mundo das mulheres, houve uma importante aferição sobre as esferas públicas e privadas, foi constatado que as mulheres eram subjugadas ao universo limitado da esfera privada e do mundo doméstico e que o rompimento destas fronteiras equivalia a um estereótipo marginalizado e mal visto perante a sociedade, todavia esses limites nunca foram decisivos e generalizantes, as mulheres camponesas e as pertencentes às classes trabalhadoras, que não se confinavam ao ambiente doméstico, mas que exerciam funções no campo, nas oficinas e fábricas, pôde demonstrar que os moldes de uma sociedade androcêntrica³ não foram capazes de produzir esse cerceamento de forma cabal, afinal estas mulheres futuramente estariam em outros ambientes nunca imaginados, ainda que controladas pela liderança masculina e respondendo a funções secundárias já conseguiam ultrapassar as subjugações estipuladas (LOURO, 1997).

No que tange a construção desse movimento social formado por mulheres que lutam contra o silenciamento de suas opressões, Branca Alves e Jacqueline Pitanguy na obra 'O que é feminismo' retrata que:

O feminismo se constrói, portanto, a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a História da Mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de re-criação. Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se a todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas (ALVES e PITANGUY, 1985, p.74).

Os primeiros estudos desenvolvidos por mulheres e para as mulheres consistiam na análise e descrição da vida e das condições femininas de trabalho, tais estudos, em sua maioria elaborada por pesquisadoras da Antropologia, Sociologia, Educação e Literatura procuravam compreender as desigualdades políticas, econômicas e sociais assim como as opressões e subjugações no qual as mulheres eram submetidas cotidianamente (LOURO, 1997).

A pretensão de superar o viés biológico na compreensão de uma possível relação desigual entre homens e mulheres como sendo algo estabelecido por distinções anatômicas e em decorrência disso ambos desenvolvem papéis diferentes, é de extrema relevância nos estudos sobre gênero, pois discursos tais reafirmam as opressões sofridas secularmente pelas mulheres, de acordo com Guacira Louro (1997), no que tange essa argumentação biológica:

3 Termo intimamente ligado a noção de patriarcado, onde a realidade e experiências masculinas são valorizadas em detrimento dos saberes femininos, gerando uma hierarquia entre os gêneros, onde a figura masculina sempre está no centro das discussões.

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social. É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997, p. 20).

69

De acordo com Alves e Pitanguy (1985), teóricas consultadas no processo de construção do referencial bibliográfico, essa a visão simplista das desigualdades entre homens e mulheres no ponto de vista biológico:

[...] camufla as raízes da opressão da mulher, que é fruto na verdade de relações sociais, e não de uma natureza imutável. O novo debate feminista demonstra que a hierarquia sexual não é uma fatalidade biológica e sim o fruto de um processo histórico e, como tal, pode ser combatida e superada. Sendo História, e não natureza, passível de transformação (ALVES e PINTANGUY, 1985, p.56).

O questionamento dessa argumentação biológica, e o debate sobre as relações entre homens e mulheres no ponto de vista social e não apenas na distinção dos sexos, mas, sobretudo dos estereótipos construídos sobre a diferenciação sexual, resultará num longo debate, sendo necessário um minucioso aprofundamento das pesquisadoras feministas constituindo uma nova dinâmica nos estudos sobre as mulheres, o conceito de Gênero, fundamental para uma visão totalizante das relações entre homens e mulheres em sociedade (LOURO, 1997).

Sendo assim, o conceito de Gênero de acordo com Santana e Benevento (2013, p. 176) “[...] se refere às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que são o resultado de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais”.

O conceito de Gênero surge principalmente com esse objetivo, superar o reducionismo biológico que muito invalidava as militâncias feministas, evidenciando que as masculinidades e feminilidades são construídas socialmente:

Pretende-se, dessa forma, recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p.22).

As feministas germânicas foram as pioneiras no processo de distinção do termo ‘sexo’, enlaçado num viés biológico, do termo ‘gênero’, onde o ponto de vista social é predominante, através dessa rejeição ao determinismo biológico houve uma nova roupagem nos estudos sobre o ‘ser feminino’ e o ‘ser masculino’, partindo do pressuposto de que essa diferenciação entre homens e mulheres devem ser compreendidos no âmbito das relações interpessoais e dos estereótipos construídos no decorrer da história a partir do imaginário social, dos discursos e das tradições, entendendo que o gênero surge do viés social, porém, se constitui e se estabelece sobre os corpos sexuais, dessa maneira a biologia não pode ser

totalmente rejeitada, assim como esta não deve ser unicamente abordada na elucidação das desigualdades de gênero estruturalmente construídos (CONNELL, 1995), os fatores sociais, históricos e políticos devem ser vistos como ferramentas de suma importância para a resolução de pautas reivindicadas na militância feminina (LOURO, 1997).

No movimento de segunda onda do feminismo há uma constante luta pela invalidação da visão sexista e biológica perante as distinções entre masculino e feminino, porém é importante destacar que no final dos anos 1960 e início dos anos 1970 há uma coexistência entre os conceitos de gênero e sexo, inicialmente surge a ideia de que o gênero não pode ser visto de maneira independente do termo ‘sexo’, mantendo-se a ideia de que para a própria estruturação do gênero a visão sexista era necessária, de acordo com Linda Nicholson (1986, p.02) “[...] o biológico foi assumido como a base sobre a qual os significados culturais são constituídos. Assim, no momento mesmo em que a influência do biológico está sendo minada, esta sendo também invocada [...]”, sendo esta uma concepção advinda dos estudos feministas no século 20, onde não há uma negação totalitária aos aspectos biológicos, este passa a ser visto como o lugar pelo qual são depositados as percepções culturais, sociais e da própria personalidade (RUBIN, 1975).

O conceito de gênero fundamenta-se na ideia de uma construção simbólica e social das identidades subjetivas entre homens e mulheres, originando-se exclusivamente no campo social do saber, o advento deste conceito impulsiona o aparecimento de um grande número de pesquisas nesta temática, dessa forma há o surgimento de uma área do conhecimento resultante dos estudos sobre gênero (ZIRBEL, 2007).

É notório citar que as pesquisas sobre gênero não consistem na compreensão dos papéis masculinos e femininos em sociedade, a teórica Guacira Louro apresenta a seguinte crítica sobre o termo ‘Papéis’ no ponto de vista dos estudos de gênero:

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de *papéis* masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrarias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar. Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista (LOURO, 1997, p.23).

O inadequado uso do termo ‘Papéis’ deve ser substituído por ‘Identidades’ em sua forma plural, dilatando o universo dos estudos de gênero e trazendo a este bojo diversos conceitos atrelados à identidade o que gerou uma ampliação deste campo de estudo, tendo em vista que os processos identitários permeiam vários aspectos, tais como etnia, raça, cultura, classes sociais, dentre outros, sendo assim Guacira Louro nos aponta que:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o (LOURO, 1997, p.24).

A partir desse pressuposto, há uma grande relevância em ampliar a ideia de meros ‘papéis’ de gênero preestabelecidos. Dessa forma, temos a necessidade de nos aprofundar um pouco mais sobre esse conceito chave para os estudos sobre gênero: A identidade. Um conceito, sobretudo dinâmico, onde não é possível

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

pensar que a formação das identidades ocorre de forma estática e imutável, trata-se de uma constante no qual as mudanças e as alterações ocorrem a toda instante, não havendo espaço para a mesmice, dessa forma não se refere a uma identidade cultural composta por elementos dotados de paridade, no qual um grupo de pessoas partilha uma mesma história, uma mesma crença ou tradição tempos a fio, a identidade no qual estamos tentando abordar aqui consiste principalmente por meio da diferença, ou seja, a importância do outro, do diferente, nesse processo de construção identitária (HALL, 2000).

De acordo com Guacira Louro (1997), concordando com Stuart Hall (2000), quando é colocado em questão o conceito de identidade no âmbito dos estudos sobre gênero:

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: elas também estão continuamente se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também transformando-se na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe [...] (LOURO, 1997, p.28).

Dessa maneira, é possível distinguir que as desigualdades entre o masculino e o feminino, no que tange as identidades e os ‘papéis’ impostos para homens e mulheres em sociedade não podem se pautar numa concepção biológica, tendo em vista que ambos são capazes de realizar as mais diversas atividades, todavia a sociedade construiu no decorrer da história estereótipos em cima destes gêneros, esperando que estes atendam essas demandas sobre o que seriam pertencentes ao universo da mulher e ao universo do homem, e todos/todas aqueles/aquelas que não se encaixam nestas classificações são subjugados(as) e marginalizados/as por não estarem inseridos nos padrões preexistentes.

Corroborando com a assertiva supracitada temos Santana e Benevento, que de acordo com a sua obra ‘O conceito de Gênero e suas representações sociais’ nos apresenta a seguinte concepção:

O papel do homem e da mulher é constituído culturalmente e muda conforme a sociedade e o tempo. Esse papel começa a ser constituído desde que o (a) bebê está na barriga da mãe, quando a família de acordo à expectativa começa a preparar o enxoval de acordo ao sexo. Dessa forma, cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Depois que nasce um bebê, a primeira coisa que se identifica é o sexo: “menina ou menino” e a partir desse momento começará a receber mensagens sobre o que a sociedade espera desta menina ou menino. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos, eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar (SANTANA E BENEVENTO, 2013, p.177).

As estudiosas Branca Alves e Jacqueline Pitanguy, no livro ‘O que é feminismo’, também contribuem no entendimento do que seria o ‘masculino’ e ‘feminino’ constituído socialmente:

A menina assim aprende a ser doce, obediente, passiva, altruísta, dependente; enquanto o menino aprende a ser agressivo, competitivo, ativo, independente. Como se tais qualidades fossem parte de suas próprias ‘naturezas’. Da mesma forma, a mulher seria emocional, sentimental, incapaz para as abstrações das ciências e da vida intelectual em geral, enquanto a natureza do homem seria mais propícia à racionalidade (ALVES E PITANGUY, 1985, p.55).

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

Partindo desse pressuposto, homens e mulheres nascem com expectativas preconcebidas sobre o que devem vestir, comer, pensar, apreciar, almejar, dentre tantas outras perspectivas, cada qual em seu lugar esperado socialmente seguem uma vida limitada, principalmente as mulheres que durante muito tempo mantiveram-se confinadas na esfera privada/doméstica sem direito a educação, ou mesmo representação política, resistir contra tais estereótipos exigiu e ainda exige muito esforço daquelas que não se deixaram enquadrar aos moldes do patriarcado e do conservadorismo, a partir do desenvolvimento dos estudos sobre gênero nas últimas décadas, foi possível invalidar muitas concepções sobre a ‘natureza’ feminina e principalmente sobre ideias preestabelecidas que por muito tempo subjugaram e oprimiram as mulheres em sociedade.

MULHERES E CIÊNCIA: OCUPANDO ESPAÇOS E IDENTIDADES HISTORICAMENTE NEGADAS

No contexto patriarcal que vivemos o lugar da mulher é muito bem delimitado. Ainda que haja o exercício por parte do movimento feminista e de mulheres articuladas na luta feminina há uma resistência no que concerne a inserção das mulheres em espaços contidos na esfera pública e científica, haja vista que se atribuiu a função social feminina no âmbito da maternidade e/ou dos afazeres domésticos, ou seja, qualquer atividade que não contemple essa função gera oposições e impedimentos explícitos e implícitos no cotidiano feminino (SCHIEBINGER, 2001).

Dentre os muitos objetivos e pautas da luta feminista, Alves e Pintanguy, na obra ‘O que é feminismo?’ discorre que:

O movimento feminista denuncia a manipulação do corpo da mulher e a violência a que é submetido, tanto aquela que se atualiza na agressão física – espancamentos, estupros, assassinatos – quanto a que o coisifica como objeto de consumo. Denuncia da mesma forma a violência simbólica que faz de seu sexo um objeto desvalorizado. Reivindica, também, o direito à informação e ao acesso a métodos contraceptivos seguros, masculinos e femininos. Propõe, principalmente que o exercício da sexualidade se desvincule da função biológica de reprodução, exigindo dessa forma o direito ao prazer sexual e à livre opção pela maternidade. Neste sentido, advoga o aborto livre, e a ruptura com os moldes tradicionais em que o desempenho sexual da mulher vem sendo encerrado (ALVES E PITANGUY, 1985, p.60).

O movimento feminista surge com o objetivo de quebrar noções preconcebidas sobre a vida e corpo das mulheres, tendo em vista que antes de todo esse movimento de luta e resistência as mulheres pouco podiam optar pelos seus trajetos, sequer era permitido que as mulheres frequentassem ambientes para além de suas casas.

No que concerne o acesso à educação havia poucas possibilidades e pouco interesse do estado, sendo assim, “[...] nesse período, poucas mulheres estudaram e lecionaram em universidades, somente a partir do século XIII, primeiramente na Itália [...]” (SILVA, 2012, p.18)”. A chegada da mulher ao meio universitário passou a ser frequentado por mulheres após muito empenho e quebras de paradigmas, “[...] as universidades, embora tenham sido criadas no século XII, só passaram a admitir efetivamente as mulheres em seu quadro de discentes e docentes no final do século XIX e início do século XX [...]” (SCHIEBINGER, 2001, p.18).

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

Mesmo sendo um espaço distante e negado estruturalmente, as mulheres cientistas resistiram e se mantiveram presentes ainda que em menor número nas universidades. Buscavam confrontar as bases masculinas da ciência com as suas produções científicas e seus corpos insurgentes, conseguindo em um meio desestimulador deixar um legado na história da ciência, (SILVA, 2012).

A representação da mulher na história da ciência é desprovida de protagonismos. Segundo Ana Colling em sua obra intitulada “A construção histórica do feminino e do masculino”, a representação histórica sempre foi esboçada por homens, fazendo com que a perspectiva masculina, vista como universal, deixasse a história das mulheres à margem e nunca narrada por si mesmas, mas sempre tendo como porta voz uma figura masculina:

Ao despreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis. Responsáveis pelas construções conceituais hierarquizaram a história, com os dois sexos assumindo valores diferentes; o masculino aparecendo sempre como superior ao feminino (COLLING, 2004, p. 13).

Visando estabelecer diálogos significativos nessa pesquisa, recorreremos a uma pontual discussão sobre o conceito de “Gênero” e sua importância na compreensão da sociedade sexista.

Segundo Alves e Pitanguy (1985), o termo Gênero pode ser descrito como algo construído socialmente e culturalmente, sendo um dos principais motivos pelo qual são atribuídas diferentes funções para homens e mulheres na sociedade de acordo com aspectos políticos, costumes, cotidiano, fenômenos de cada lugar, dentre outros.

A teórica Guacira Louro (1997) dialoga que esse conceito se torna fundamental na compreensão do “ser mulher” em uma sociedade patriarcalista, evidenciando a necessidade de romper os laços estritamente biológicos que supostamente determinam as distinções sociais existentes entre feminilidades e masculinidades. Não mais considerando o discurso biologizante, passamos a pautar em nosso cotidiano o ‘Gênero’ e seu desdobramento histórico, social e cultural.

A estudiosa sobre questões de gênero Judith Butler, evidencia que “[...] por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixa quanto o sexo [...]” (BUTLER, 1990, p.15).

O advento do conceito ‘Gênero’ nos estudos sobre feminismo passa a englobar o campo social como primordial ponto de partida, haja vista que é neste contexto que os gêneros são construídos e debatidos por aspectos relacionais entre mulheres e homens. Ainda que a perspectiva feminina continue sendo alvo das discussões, devido os empecilhos gerados pelos papéis de gênero, é necessário estudar não apenas elas, mas os sujeitos no qual estas se relacionam cotidianamente e o contexto patriarcal nos quais mulheres e homens estão inseridos.

Entende-se como patriarcado a hierarquia existente e implantada no seio social entre homens e mulheres, a dominação masculina surge a partir desse aparato social de subjugação feminina, no qual as figuras femininas em todas as áreas de convivência humana são situadas abaixo do poderio masculino, acarretando uma série de violências e opressões (SAFFIOTI, 2004).

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

A sociedade patriarcal pautada pelas desigualdades de gênero manteve durante muito tempo as mulheres ao ambiente doméstico, a esfera da vida privada, delineando e delimitando os espaços que as mulheres poderiam circular e certificando-se de inserir no cotidiano feminino demais mecanismos de dominação.

As representações do masculino e feminino muito contribuem para o ideário da mulher não pertencente a espaços para além do âmbito doméstico, tais como os espaços de produção de conhecimento, as escolas, as universidades. De acordo com Branca Alves e Jacqueline Pitanguy:

O “masculino” e o “feminino” são criações culturais e, como tal, são comportamentos aprendidos através do processo de socialização que condiciona diferentemente os sexos para cumprirem funções sociais específicas e diversas. Essa aprendizagem é um processo social. Aprendemos a ser homens e mulheres e a aceitar como “naturais” as relações de poder entre os sexos (ALVES E PITANGUY, 1985, p. 55)

Discorrer sobre os conceitos de público e privado facilita o processo de entendimento das concepções de ‘feminino’ e ‘masculino’, tendo em vista a concepção preestabelecida das esferas pertencentes a homens e as mulheres. O conceito de público e privado, bem como a distinção destes dois conceitos é discutido por Susan Okin, a mesma destaca que:

[...]“o privado” sendo usado para referir-se a uma esfera ou esferas da vida social nas quais a intrusão ou interferência em relação à liberdade requer justificativa especial, e “o público” para referir-se a uma esfera ou esferas vistas como geralmente ou justificadamente mais acessíveis (OKIN, 2008, p.305)

Em função disso as estudiosas feministas insistem em discutir que ‘o pessoal é político’, que não é possível refletir nas esferas do público e privado de forma isolada como se um não fosse correlato ao outro, sendo necessário ressaltar que a vida doméstica e a vida não-doméstica foram mantidas separadas, negando o caráter histórico e político das relações familiares, como destaca Susan Okin:

O que, então, outras feministas, assim como as mais radicais, querem dizer com ‘o pessoal é político’? Nós queremos dizer, primeiramente, que o que acontece na vida pessoal, particularmente nas relações entre os sexos, não é imune em relação à dinâmica de poder, que tem tipicamente sido vista como a face distintiva do político. E nós também queremos dizer que nem o domínio da vida doméstica, pessoal, nem aquele da vida não-doméstica, econômica e política, podem ser interpretados/isolados um do outro (OKIN, 2008, p.314).

Esse processo hierárquico estabelecido entre homens e mulheres ocorrem nos mais diversos meios, inclusive na ciência, que em função do acesso antecipado de homens ao meio científico, diferentemente das mulheres mantidas reclusas na esfera doméstica, gerou e ainda gera uma escassa representatividade de mulheres neste contexto, que por não se sentirem representadas não desenvolvem interesse pelas ciências e acabam optando por carreiras no qual há uma maior expoência feminina.

POR UM TEMPO FEMININO NA CIÊNCIA: A INSURGÊNCIA DE MULHERES CIENTISTAS NO PASSADO E NO PRESENTE

Haja vista que estamos dissertando sobre ciência e relações de gênero, especificamente sobre o quanto este contexto é masculinizado, é notório destacar que esses dois termos se relacionam, na medida em

que as implicações da dicotomia público/privado reverberaram numa participação tardia das mulheres na produção científica, e mesmo que já tenham ganhado bastante espaço na ciência, estas ainda são subalternizadas e suas produções científicas ainda vistas como pouco relevantes.

A referência de mulheres cientistas e suas contribuições de extrema relevância anteriormente e na contemporaneidade apenas demonstram a competência e resiliência feminina neste contexto, considerando que não se trata de uma análise qualitativa das pesquisas femininas em detrimento das masculinas, mas, sobretudo o entendimento de como mulheres cientistas têm suas pesquisas suprimidas e desacreditadas pela academia.

Mulheres tais como a cientista polonesa Marie Curie (Figura 01) uma das pesquisadoras pioneiras no ramo da radioatividade e responsável por descobrir os elementos: Polônio e Rádio no século XIX, tornou-se um grande exemplo dessa proposição, a mesmo frequentou a universidade num período onde a presença feminina era quase inexistente, resistindo aos estereótipos femininos vinculados à esfera privado/doméstico (MACGRAYNE, 1994).

Conhecida mundialmente por sua contribuição grandiosa na ciência, a cientista Marie Curie foi a primeira mulher a ser laureada por um prêmio Nobel e a única a recebê-lo duas vezes. Cabe destacar que por vezes a cientista era colocada em plano secundário, sendo vista apenas como colaborada e auxiliar de seu esposo Pierre Curie, que recebeu inúmeros prêmios de forma prioritária (CORDEIRO, 2013).

Figura 01. Cientista Polonesa Marie Curie



Fonte: Brasil Acadêmico, 2018

As três cientistas negras da Agência Espacial Norte – Americana (NASA), Katherine Johnson, Dorothy Vaughan e Mary Jackson, protagonistas do filme biográfico *Estrelas Além do Tempo* (2017) (Figura 02) são referências de mulheres que enfrentaram a dureza de uma sociedade que além de configurar uma hierarquia de gênero, também é estruturalmente racista. A biografia dessas cientistas negras admitidas na Agência Espacial no contexto da corrida espacial EUA x URSS, as opressões relacionadas à minoria ‘mulher e negra’, são apresentadas durante a longa metragem bem como as leis segregacionistas ainda vigentes e

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

ressaltadas no filme a partir da divisão de espaços frequentados apenas por brancos/brancas e proibidos a negros e negras.

Figura 02. Cientistas negras da NASA retratadas no filme ‘Estrelas Além do Tempo’



Fonte: Pinterest, 2019

Na perspectiva brasileira, podemos citar inúmeras mulheres cientistas que trouxeram/trazem grandes contribuições para a ciência com suas pesquisas, escritas e produções científicas. Mulheres que afrontam uma ciência classista, misógina, branca e tradicional. Estas persistiram não somente em lutar por espaços em laboratórios de pesquisa, auditórios e/ou revistas científicas. Optaram também por pesquisar sobre seus pares, evidenciar suas ancestralidades e a história de seus povos. Desafiando a ciência do não-lugar, a ciência excludente que nega traços do vivido, do simbólico e daquilo que é sentido.

Com abordagens voltadas para o ativismo e para a visibilidade das minorias, Beatriz Nascimento (Figura 03), historiadora e pesquisadora sobre relações étnico-raciais, muito contribuiu nas décadas de 1970 a 1990 com pesquisas sobre Comunidades Remanescentes de Quilombos, a situação da população negra brasileira no Brasil e a ausência desse grupo no contexto histórico e na formação do povo brasileiro, dentre outras temáticas afins. Suas vivências dotadas de anseio pela dignidade da população negra brasileira perduram até hoje como símbolo de admiração e ativismo negro (RATTS, 2015).

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

Figura 03. Ativista, pesquisadora e historiadora Beatriz Nascimento



Fonte: Geledés, 2018.

77

Mulheres com suas peculiaridades e intersecções tem muito a contribuir para uma ciência plural. A contribuição das mulheres indígenas a ciência brasileira também deve ser evidenciada, não somente pelo que é produzido dentro dos muros da universidade, afinal estes produzem conhecimento desde muito antes.

O contato harmônico e simbiótico com a natureza, com a mãe terra, fez e faz dos povos originários do Brasil grandes produtores do que nomeamos de etnociência “[...] parte da linguística para entender os saberes das populações humanas sobre os processos naturais” (DIEGUES E ARRUDA, 2001, p. 36).

Creuza Prumkwyi Krahô, mulher indígena da etnia Krahô, educadora intercultural graduada pela Universidade Federal de Goiás, mestra pela Universidade de Brasília, gestora escolar e pesquisadora das mulheres de sua comunidade, desenvolve estudos sobre as mulheres de sua etnia no período de resguardo, uma tradição pautada no cuidado e amparo a mulher e ao bebê, um assunto de extrema relevância para a cultura de seu povo.

Figura 4: Pesquisadora indígena Creuza Krahô



Fonte: Sindicato ADUFG, 2019

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

Uma grande expoente no que tange a pesquisas sobre a educação, questões étnico-raciais e políticas curriculares descolonizadas, sendo também a primeira mulher negra a participar do Conselho Nacional de Educação e tornar-se um símbolo de combate ao racismo na escola é Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva. Pesquisadora de políticas em prol da igualdade racial, permanece somando na luta antirracista a partir da educação formal e do seu ativismo como mulher negra, cientista e professora.

Figura 05. Prof.^a Dr.^a Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva



Fonte: UNISINOS, 2018

São vários os impedimentos, barreiras, empecilhos sobre a presença feminina em ambientes tais como o científico. O lugar da subalternidade ainda é atribuído a estas mulheres que mesmo em menor número ainda se faziam e se fazem presentes, resistindo contra a estrutura androcêntrica vigente. A luta, principalmente no âmbito da visibilidade e valorização da produção científica feminina permanece, tendo em vista que as mulheres cientistas são pouco reconhecidas bem como as suas contribuições pouco quistas no meio acadêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos corpos galgando espaços historicamente negados são sinônimos de resistência no sentido mais puro e menos clichê da palavra. São caminhos abertos para que demais mulheres cientistas venham. Começos de trajetos que não serão apenas nossos, logo atrás virão mais e mais de nós e juntas prosseguiremos enfrentando uma ciência masculina, uma ciência classista e elitista, uma ciência dotada de colonialidade.

Ser mulher e cientista. Ser mulher e produzir ciência. Ser mulher e estar no âmbito acadêmico. Ser mulher e resistir. Ser mulher e não poder sequer optar em não lutar, porque mesmo em processo de luta, porque mesmo persistindo, ainda tentam nos fazer recuar aos espaços que dedicaram a nossas bisavós, avós e mães. O espaço do silêncio, o espaço da aceitação pacífica, do entendimento mútuo que consiste na predisposição natural de nossos corpos ao lar, ao esposo, aos filhos.

Nossa pretensão jamais será em romantizar esse processo, sabemos bem quão doloroso é um processo de ruptura, mas temos passado e contornado os obstáculos pouco a pouco. A luta feminina em sua

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

constância tem gerado inúmeras vitórias, de fato, refletir sobre esses processos também deve ser um exercício contínuo, afinal sabemos que o enclausuramento de muitas mulheres ainda é uma realidade em nosso país e que o preço pago pelo avançar de muitas de nós é alto demais.

Uma pesquisadora com muitos anos de atuação na área nos relatou da sobreposição de tarefas e responsabilidades herdadas no decorrer de seu percurso. A responsabilidade pela ciência e o processo de ensino-aprendizagem, atrelada a outras funções; Tal qual a maternidade, vida conjugal, ativismo político, entre outros, apenas nos aponta que temos avançado em uma direção, mas em outras nem tanto. Temos muito a discutir sobre os papéis e identidades de gênero, pois o que há muitos anos era visto como feminino, continua sendo visto assim, gerando sobrepeso ao cotidiano da mulher. O avanço em cada espaço e função historicamente negada à mulher tem se sobreposto a funções que ainda são atribuídas de forma uno a figura feminina e o que podemos fazer para modificar isso? O que temos feito?

Não temos a resposta, por enquanto, e acreditamos muito que a pesquisa, o produzir ciência se dá a partir desses questionamentos, a partir da crítica a crítica. Acreditamos que seja uma pauta de suma importância a ser refletida em nossos ativismos, em nossas articulações: rever e visitar nossos ganhos para evitar novas perdas. A mulher no espaço acadêmico-científico representa muito, mas ainda não representa tudo, afinal Ângela Davis, uma filósofa e ativista afro-estadunidense nos alerta com muita firmeza que a liberdade é uma luta constante.

A mulher no espaço acadêmico-científico: Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência

REFERÊNCIAS

- DIEGUES, Antônio Carlos; ARRUDA, Rinaldo Sergio Vieira. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA, 2001. 211 p.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Editora Abril cultural: Brasiliense, 1985. 77 p.
- BENEVENTO, Claudia Toffano; SANTANA, Vagner Caminhas. **O conceito de gênero e suas representações sociais**. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, v. 1, p. 1-1, 2013.
- BUTLER, Judith. "**Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo**". *Cadernos Pagu*, n. 11, p. 11-42, 1998.
- COLLING, Ana Maria. **A construção histórica do masculino e do feminino**. *Gênero e cultura*. Questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 298 p.
- CONNELL, Robert W. **Políticas da Masculinidade**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995.
- CORDEIRO, Marinês. **Questões de gênero na ciência e na educação científica: uma discussão centrada no Prêmio Nobel de Física de 1903**. In: Atas do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – IX ENPEC, 2013, Águas de Lindóia - SP. Anais. Águas de Lindóia- SP: UFSC, 2013, p.10-14.
- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 184 p.
- MACGRAYNE, Sharon. **Mulheres que ganharam o prêmio nobel em ciências**. São Paulo: Marco Zero, 1994.410 p.
- MATOS, Maria Izilda de. **Estudos de Gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea**. *Cadernos Pagu*. N11, 1998. pp.67-75.
- NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, vol. 8, n.2, p. 09 – 41, 2000.
- PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa**. In: *História*, São Paulo, vol. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.
- OKIN, Susan. **Gênero: O Público e O Privado**. *Revista estudos de gênero*, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-302, 2008.
- RATTS, Alecsandro (Alex) J. P.; GOMES, B. N. F. (Org.). **Todas (as) distâncias; poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento**. 1. ed. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015. 155 p.
- RUBIN, Gayle. **A Contribution to Critique of the Political Economy of Sex and Gender**. *Dissemination*, Ann Arbor, v. 1, n. 2, p.23-32, 1974.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004. 152 p.
- SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** EDUSC, São Paulo, 2001, 384 p.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 71-100, 1995.
- SILVA, Fabiane Ferreira da. **Corpos femininos superfície de inscrição de discursos: mídia, beleza, saúde sexual e reprodutiva, educação escolarizada**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em

**A mulher no espaço acadêmico-científico:
Diálogos entre feminismo, gênero e mulheres na ciência**

Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. 136 f.

ZIRBEL, Ilze. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil: um debate**. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. 212 f.

Texto recebido em: 15/11/2019
Texto aprovado em: 04/02/2020

